



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, em conjunto com o Presidente do Paraguai, Fernando Lugo, após o encerramento do seminário empresarial

Ponta Porã-MS, 03 de maio de 2010

Jornalista: Presidente Lula, passaram-se nove meses desde o momento da assinatura do acordo em Assunção, como foi recordado pelo presidente Lugo. Eu gostaria de saber quais são os passos que precisam ser feitos para que aquilo que foi assinado passe dos papéis para os fatos, concretamente? Com relação ao pagamento do excedente de energia, a comercialização da energia de Itaipu no mercado brasileiro a preço de mercado, e a construção da linha de transmissão de 500 kV tinha sido prometida, sem custo, para o Paraguai.

Presidente: Alô... Agora, sim. É importante que a gente tenha, primeiro, o acordo firmado pelo Paraguai e pelo Brasil, em 25 de julho do ano passado, como um novo patamar nas relações entre Paraguai e Brasil. E só para o companheiro que fez a pergunta ficar mais otimista, nós temos uma parte dos acordos que firmamos com o Paraguai, no dia 25, que passa pelo Congresso Nacional brasileiro. O que passa pelo Congresso Nacional brasileiro tem a mesma tramitação das coisas que passam pelo Congresso do Paraguai. Nem o presidente do Paraguai, nem o presidente do Brasil determinam o tempo de votação nos nossos Congressos, porque eles têm autonomia de funcionar livremente, são poderes autônomos. O que nós esperamos é que o nosso Senado tenha pressa na aprovação, porque os senadores sabem da importância de aperfeiçoar a relação com o Brasil.

No que diz respeito à linha de transmissão, no diz respeito à linha de transmissão – como disse o companheiro Lugo –, possivelmente, depois, tenha



uma declaração dos dois diretores de Itaipu. Porque nós estamos assumindo compromisso, nós estamos marcando uma data para que eu vá a Assunção, junto com o companheiro Lugo, para a gente dar início ao começo das obras da linha de transmissão. Quando eu disse que eu tinha que ir ao Paraguai duas vezes é porque nós temos o começo da terraplanagem para fazer a estação e depois a subestação de Villa Hayes, e depois eu tenho que ir, talvez em setembro, quem sabe, um pouco antes ou um pouquinho depois, para dar início às obras da segunda ponte entre Ciudad del Este e o Brasil. De forma que eu acho que está andando. Eu queria só que as pessoas compreendessem que, muitas vezes, um acordo internacional demora mais tempo do que nós gostaríamos para que ele se concretizasse. Nós temos acordos de mais longo prazo e as coisas não acontecem com a facilidade que os dois presidentes querem. Mas de qualquer forma, até a questão da Receita Federal brasileira e da Receita Federal paraguaia, os dois ministros deverão se encontrar, ou esta semana ou na próxima semana, em Assunção, para que a gente possa resolver as divergências que ainda temos na questão fiscal.

_____ : Senhoras e senhores, teremos agora a participação da jornalista Cláudia Geiger, da Rede Globo.

Jornalista: Boa tarde, presidente Lula. Boa tarde, presidente Lugo. Eu gostaria de perguntar ao senhor, presidente Lula. O senhor mesmo, no seu discurso, disse que a sorte do Paraguai é a sorte de nós, brasileiros, do nosso povo também, e que todos os esforços seriam de união para combater a insegurança na fronteira. O senhor termina o seu segundo mandato, oito anos à frente da Presidência do Brasil. Nós, brasileiros, continuamos vendo os mesmos problemas acontecerem nas fronteiras, principalmente aqui, na fronteira do Paraguai, e na fronteira com a Bolívia. O Ministro da Justiça disse que vai ser criado o policiamento de fronteira, com 11 postos, do Rio Grande



do Sul até o Pará, para que haja um pouco mais de policiamento na nossa região. Mas, esta semana mesmo, a polícia brasileira apreendeu mais um carregamento de maconha no Rio de Janeiro. São bandidos brasileiros indo para o lado paraguaio, disputando o narcotráfico com paraguaios, e esse é um problema dos dois países, porque tanto para nós, brasileiros, traz a insegurança, quanto para os paraguaios. Está aí o atentado contra o senador Robert Acevedo. A pergunta que eu gostaria de fazer para o senhor é que, além dessa medida anunciada, de que vai ser implantado o policiamento de fronteira, com esses investimentos que beiram os R\$ 144 milhões até 2012, o que de fato nós, brasileiros, vamos perceber de ações imediatas, para que a gente possa transitar em nossas faixas de fronteiras, tanto quanto os paraguaios, sem ter o medo, sem ter a insegurança, sem ter a morte de pessoas dos dois países. O que o governo brasileiro pode fazer de imediato para isso?

Presidente: Ora, primeiro, eu penso que nós temos que ter clareza de que a fronteira do Paraguai e a fronteira brasileira têm muito mais gente honesta, muito mais gente trabalhadora, muito mais gente querendo paz do que narcotraficante. Acontece que nós todos sabemos que o narcotráfico hoje não é mais uma microempresa de tráfico de droga, seja qual for a droga, ou tráfico de arma. Nós sabemos que o narcotráfico é uma indústria poderosa que tem seu braço na política, tem seu braço na indústria, tem seu braço nos parlamentos, tem seu braço na Justiça, ou seja, todos nós sabemos que a indústria do narcotráfico, junto com a indústria do crime organizado, são hoje multinacionais muito poderosas. Se não fosse assim, países poderosos como os Estados Unidos ou como a União Europeia já tinham banido a droga de seus países. Então, é uma coisa difícil.

O Brasil tem quase 16 mil quilômetros de fronteira, o que não é fácil... de fronteira seca, e o Brasil tem mais 8 mil quilômetros de costa marítima.



Portanto, o trabalho do Brasil é o de investimento, muito mais em inteligência, para que a gente possa combater. Eu posso lhe dizer, depois o Ministro da Justiça... eu espero que ele venha aqui depois, para ficar falando um pouco da coisa aqui da fronteira. A nossa ideia era que os dois ministros – paraguaio e brasileiro – pudessem falar um pouco. Mas eu vou lhe contar uma coisa: em 500 anos de história, nós nunca fizemos o que estamos fazendo hoje para investimento em controle das fronteiras. Eu lembro que, quando alguns anos atrás, nós tivemos que tomar a decisão de aprovar a Lei do Abate – a Lei do Abate é uma coisa extremamente importante. Mas não foi fácil a gente conseguir aprovar ela no Congresso, porque precisou de muito convencimento. Eu tive a oportunidade de assistir a filmes em que os traficantes dentro de um avião, com tanque de gasolina dentro do avião, e quando os nossos aviões iam passando, eles mostravam uma criança dentro do avião, que era pedindo para a gente não atirar, até que nós fizemos a Lei do Abate.

Nós, agora, estamos testando um outro tipo de avião não tripulado que estamos comprando, me parece que de Israel, e nós queremos, junto com o Paraguai, junto com a Bolívia e junto com outros países, ver se a gente consegue sofisticar a nossa fronteira com mais inteligência, com mais policiais, para que a gente possa prender mais gente e acabar com o narcotráfico. E, concomitantemente, nós temos que também atacar os consumidores. Porque não é só... não são só os vendedores, ou seja, os consumidores também têm que ser atacados de forma dura, e isso eu penso que tem sido feito no Brasil como nunca foi feito. Só através do Ministério da Justiça foram 6 bilhões disponibilizados para que a gente pudesse, na construção de parcerias com os governos dos estados, a gente poder diminuir, barbaramente, a indústria do crime organizado, que faz parte de um problema fronteiriço em toda a fronteira do Brasil.

_____ : Terceira pergunta, (incompreensível) do Unicanal.



Jornalista: (incompreensível) Unicanal, Assunção, Paraguai. Boa tarde, senhores Presidentes. Para o presidente Lula, especificamente, eu resgato uma parte do seu discurso, onde ele disse que o Brasil cooperará, fundamentalmente, para combater grupos criminosos ou pessoas que atuem à margem da lei. Desde... Há muito tempo, a justiça paraguaia solicita ao Brasil sua colaboração no processo de extradição de três pessoas paraguaias que usufruem refúgio político no Brasil e estão sendo processadas no Paraguai por casos de sequestros que (incompreensível) no nosso país. Então, desse ponto de vista, o que o Brasil vai fazer? Há alguma predisposição para que colabore com a Justiça paraguaia, que essas pessoas sejam submetidas à Justiça do Paraguai?

Presidente: Olha, esse foi um assunto que motivou uma parte da minha conversa com o presidente Lugo e o meu ministro da Justiça. O Paraguai já tinha pedido, algum tempo atrás, para que fosse analisado o pedido de asilo desses companheiros que estavam presos. O Conare brasileiro não viu nenhuma nova prova para poder mudar de opinião. Agora tem um outro pedido. Se o Paraguai apresentar novas provas, o Brasil obviamente que vai analisar cada prova apresentada. É importante lembrar que nas investigações que nós fizemos nós não encontramos indícios de que essas pessoas tiveram qualquer participação no atentado ao Senador ou em qualquer outro envolvimento político, nesses termos. A Polícia Federal brasileira tem trabalhado junto com a polícia paraguaia, e nós pretendemos continuar trabalhando juntos, até porque o acordo foi renovado na semana passada. Mas depois, eu acho... como esse é um tema importante para ser discutido, e é preciso esclarecer bem o povo paraguaio e o povo brasileiro, na hora em que o presidente Lugo e eu sairmos da tribuna, os dois ministros poderão vir aqui e falar com vocês [sobre] todos os problemas. Vocês poderão vir mais próximos



aqui, fazer todo tipo de pergunta, porque nós queremos trabalhar junto com o Paraguai e, na medida em que as pessoas que estão citadas provarem que têm “culpa no cartório”, serão tratadas pelo Brasil de forma diferente. Por enquanto, é importante lembrar que nós tivemos o apoio das Nações Unidas para dar exílio a esses companheiros.

_____ : Boa tarde, meu nome...

_____ : Senhoras e senhores, para a quarta e última apresentação, o jornalista Fábio Pannunzio, da Rede Bandeirantes de Televisão.

Jornalista: Boa tarde, Presidentes. Presidente Lugo, a minha pergunta é sobre o mesmo assunto que a anterior, só que agora se destina ao senhor. Se o raciocínio que move o júízo de valor, que move o Conare estiver correto, o caso de Victor Colmán, de Anuncio Martí e de Juan Arron talvez seja um dos casos de maior perseguição política da história do Paraguai. Eu gostaria de saber do senhor se, uma vez que o governo do senhor anunciou que pode até recorrer a uma Corte internacional contra o Brasil, quem são esses personagens? São terroristas, criminosos terríveis, com vinculações certas com o narcotráfico, ou são vítimas da perseguição do Estado que o senhor hoje dirige? A segunda questão é: o senhor reconhece que eles foram sequestrados pelas Forças de Segurança, quando houve o sequestro da senhora Debernardi? E a terceira pergunta, na complementação desta, a pedido dos meus colegas, diz o seguinte: o Presidente do Congresso paraguaio declarou, na semana passada, que o governo do Paraguai conhece os traficantes de drogas do seu país. A pergunta é simples: por que, então, não se prende?

Presidente Lugo:



Presidente: Bem, eu agora vou assumir o papel aqui de coordenador desta coletiva. Queria chamar o companheiro Filizola e o companheiro Luiz Paulo – o Filizola como ministro do Interior, mas também cuida da Justiça, e o Luiz Paulo, da Justiça – para que eles possam conversar mais com a imprensa sobre a questão da fronteira. Depois, nós vamos chamar aqui... Depois, eu e o Lugo vamos sair e vamos chamar aqui o diretor Jorge Samek, de Itaipu, e o diretor Cudas, do Paraguai, para que os dois também possam explicar com mais detalhes a questão da linha de transmissão.

Está bem? Eu e o Lugo nos retiramos agora.

(\$31FGJLMP)